BOCA
BOLETIM DE CONJUNTURA

COSTURAS DO IMPÉRIO: NECROPOLÍTICA, EXPLORAÇÃO DO TRABALHO E GREENWASHING NA INDÚSTRIA DA MODA A PARTIR DO SUL GLOBAL

SEAMS OF EMPIRE: NECROPOLITICS, LABOR EXPLOITATION AND GREENWASHING IN THE FASHION INDUSTRY FROM THE GLOBAL SOUTH

COSTURAS DEL IMPERIO: NECROPOLÍTICA, EXPLOTACIÓN LABORAL Y GREENWASHING EN LA INDUSTRIA DE LA MODA DESDE EL SUR GLOBAL

https://doi.org/10.56238/bocav25n84-028

Data de submissão: 15/10/2026 **Data de publicação:** 15/11/2026

Arthur de Almeida Santos
Graduando do curso de Moda (Bacharelado)
Instituição: Centro Universitário de Rio Preto (UNIRP)
E-mail: arthur.a.snts@gmail.com

Cassia Calvo do Nascimento
Orientadora
Mestre em Comunicação pela Universidade de Marília. Docente dos cursos de Moda e de Arquitetura e Urbanismo
Instituição: Centro Universitário de Rio Preto (UNIRP)
E-mail: cassiacalvo@unirp.edu.br

ABSTRACT
This article analyzes the relationship between the fashion industry, labor exploitation and the social and environmental harms concentrated in the countries of the Global South, using Achille Mbembe's necropolitics as its theoretical axis, combined with Aníbal Quijano's coloniality of power and feminist and decolonial perspectives. It is a qualitative, bibliographic and documentary study that examines reports by civil society organizations, trade statistics, legislation and cases documented by the press. The analysis indicates that the global apparel chain reproduces a colonial division of labor and risk: production is concentrated in Asian countries where minimum wages remain far below what unions claim as decent, while only 1% of major brands disclose how many workers in their supply chain earn a living wage. Environmentally, 73% of the material used for clothing ends up landfilled or incinerated and less than 1% is recycled into new garments, while surpluses from the Global North are dumped in territories such as Chile's Atacama Desert and Ghana's Kantamanto market. The discourse of sustainability, in turn, often operates as greenwashing. The article discusses alternatives such as transparency, binding regulation and community initiatives, and concludes that decolonizing fashion requires material and epistemic redistribution rather than mere market adjustments.

Keywords: Fashion Industry. Necropolitics. Coloniality. Labor Exploitation. Greenwashing.

RESUMO

Este artigo analisa a relação entre a indústria da moda, a exploração do trabalho e os danos socioambientais concentrados nos países do Sul Global, tomando como eixo teórico a necropolítica de Achille Mbembe, articulada à colonialidade do poder de Aníbal Quijano e a leituras feministas e decoloniais. Trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, que examina relatórios de organizações da sociedade civil, estatísticas de comércio, legislação e casos documentados pela imprensa. A análise indica que a cadeia global do vestuário reproduz uma divisão colonial do trabalho e do risco: a produção concentra-se em países asiáticos onde os salários mínimos permanecem distantes do que os sindicatos reivindicam como digno, enquanto apenas 1% das grandes marcas informa quantos trabalhadores de sua cadeia recebem salário digno. No plano ambiental, 73% do material usado em roupas termina em aterros ou incineração e menos de 1% é reciclado em novas peças, ao passo que excedentes do Norte Global são despejados em territórios como o Deserto do Atacama, no Chile, e o mercado de Kantamanto, em Gana. O discurso da sustentabilidade, por sua vez, opera com frequência como *greenwashing*. Discutem-se alternativas de transparência, regulação vinculante e iniciativas comunitárias, e conclui-se que a descolonização da moda exige redistribuição material e epistêmica, e não apenas ajustes de mercado.

Palavras-chave: Indústria da Moda. Necropolítica. Colonialidade. Exploração do Trabalho. Greenwashing.

RESUMEN

Este artículo analiza la relación entre la industria de la moda, la explotación laboral y los daños socioambientales concentrados en los países del Sur Global, tomando como eje teórico la necropolítica de Achille Mbembe, articulada con la colonialidad del poder de Aníbal Quijano y con lecturas feministas y descoloniales. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter bibliográfico y documental, que examina informes de organizaciones de la sociedad civil, estadísticas comerciales, legislación y casos documentados por la prensa. El análisis indica que la cadena global de la industria del vestido reproduce una división colonial del trabajo y del riesgo: la producción se concentra en países asiáticos donde los salarios mínimos permanecen lejos de lo que los sindicatos reivindican como digno, mientras que solo el 1 % de las grandes marcas informa cuántos trabajadores de su cadena perciben un salario digno. En el plano ambiental, el 73 % de los materiales utilizados en las prendas termina en vertederos o es incinerado, y menos del 1 % se recicla en nuevas piezas; por su parte, los excedentes del Norte Global son desechados en territorios como el desierto de Atacama, en Chile, y el mercado de Kantamanto, en Ghana. El discurso de la sostenibilidad, a su vez, funciona a menudo como greenwashing (lavado de imagen verde). Se discuten alternativas basadas en la transparencia, la regulación vinculante y las iniciativas comunitarias, y se concluye que la descolonización de la moda exige una redistribución material y epistémica, y no meramente ajustes de mercado.

Palabras clave: Industria de la Moda. Necropolítica. Colonialidad. Explotación Laboral. Greenwashing.

1 INTRODUÇÃO

A indústria da moda é um dos setores mais globalizados da economia, mas distribui sua riqueza de forma desigual. Em 2023, China, Bangladesh e Vietnã responderam, juntos, por cerca de 45% das exportações mundiais de vestuário (World Trade Organization, 2024). Em Bangladesh, segundo maior exportador, o salário mínimo do setor passou de 8.000 para 12.500 takas mensais em dezembro de 2023, o equivalente a cerca de US$ 114, valor ainda distante dos 23.000 takas que os sindicatos reivindicam como patamar de subsistência (What [...], 2023). Segundo estimativas da Clean Clothes Campaign, de uma camiseta vendida por € 29 na Europa, menos de 1% fica com quem a costurou (Richter, 2025).

Os danos ambientais seguem a mesma geografia. A produção têxtil consome cerca de 93 bilhões de metros cúbicos de água por ano, e 73% do material usado em roupas termina em aterros ou incineração; menos de 1% volta a ser roupa (Ellen MacArthur Foundation, 2017). Parte desse descarte é exportada para o Sul. Pelo porto de Iquique entram no Chile cerca de 59 mil toneladas de roupas por ano, das quais ao menos 39 mil ficam abandonadas no Deserto do Atacama (No deserto [...], 2021). Ao mercado de Kantamanto, em Gana, chegam cerca de 15 milhões de peças usadas por semana, e aproximadamente 40% viram lixo (At one [...], 2023). Nixon (2011) chama esse tipo de dano de violência lenta, porque se acumula aos poucos, longe dos olhos de quem consome, e recai sobre populações pobres.

Diante desse quadro, este artigo pergunta de que modo a cadeia global da moda converte desigualdades de origem colonial em condição de lucro e como o discurso da sustentabilidade participa desse processo. O objetivo geral é analisar a relação entre a indústria da moda, a exploração do trabalho e os danos socioambientais no Sul Global à luz da necropolítica de Achille Mbembe. Os objetivos específicos são: (a) identificar continuidades entre o colonialismo e a atual divisão internacional do trabalho têxtil; (b) examinar as condições de trabalho e a distribuição dos riscos na cadeia produtiva; (c) discutir o *greenwashing* como estratégia de legitimação; e (d) avaliar alternativas de transparência, regulação e resistência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E PERCURSO METODOLÓGICO

O eixo teórico deste trabalho é a necropolítica, conceito com o qual Mbembe (2018b) desloca a noção foucaultiana de biopoder para pensar a soberania como o poder de decidir quem pode viver e quem deve morrer. Para o autor, a *plantation* escravista e a colônia foram laboratórios desse poder. Na

plantation, a pessoa escravizada perde o lar, os direitos sobre o próprio corpo e o estatuto político, e sua vida só é preservada enquanto serve como força de trabalho (Mbembe, 2018b). Em *Crítica da razão negra*, Mbembe (2018a) acrescenta que o capitalismo contemporâneo tende a estender a parcelas crescentes da humanidade subalterna a condição antes imposta às populações negras, a de corpos tratados como intercambiáveis e descartáveis. É o que chama de devir-negro do mundo.

Essa leitura se articula à colonialidade do poder de Quijano (2005), para quem a classificação racial da população mundial, criada com a colonização da América, continua a orientar a distribuição do trabalho, da riqueza e da autoridade depois do fim das administrações coloniais. A dimensão de gênero e raça da força de trabalho têxtil é discutida a partir de Federici (2017), que mostra como a desvalorização do trabalho feminino foi condição da acumulação primitiva, e de Davis (2016), que analisa como raça, classe e gênero se combinam na exploração do trabalho.

Trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e documental. O *corpus* reúne relatórios de organizações da sociedade civil, estatísticas da Organização Mundial do Comércio, legislação e casos noticiados pela imprensa entre 2011 e 2025. Uma limitação é que parte dos dados vem de organizações de defesa de direitos, cujas metodologias variam.

3 A COSTURA COLONIAL DA MODA GLOBAL

3.1 RAÍZES HISTÓRICAS DA EXPLORAÇÃO

A indústria da moda contemporânea assenta-se sobre estruturas de exploração que remontam à expansão colonial europeia. Beckert (2014) mostra que o império do algodão nasceu do que chama de capitalismo de guerra, isto é, da expropriação de terras indígenas nas Américas, do trabalho escravizado de africanos e da reorganização forçada de economias asiáticas. A Índia, por séculos o principal centro mundial de tecidos de algodão, teve sua indústria desarticulada em benefício das manufaturas britânicas.

Esse processo também foi racializado. Segundo Quijano (2005), a colonialidade do poder associou o trabalho manual e mal remunerado às populações não brancas e reservou às elites metropolitanas o controle da produção e do consumo. A cadeia global da moda, com produção terceirizada no Sul e marcas e consumo concentrados no Norte, reproduz essa hierarquia. Com Mbembe (2018b), é possível ler as fábricas de vestuário precarizadas, as chamadas *sweatshops*, como herdeiras da lógica da *plantation*, na medida em que a vida de quem trabalha ali conta apenas enquanto produz.

Essa lógica não se limita à Ásia. Em 2011, uma fiscalização coordenada pelo Ministério do Trabalho encontrou 15 bolivianos e um paraguaio em condições análogas à escravidão em uma oficina da zona norte de São Paulo, que costurava peças para uma fornecedora da Zara. Os trabalhadores viviam e trabalhavam no mesmo imóvel (Marca [...], 2011). O caso indica que a vulnerabilidade migratória também opera como mecanismo de coação nas metrópoles do Sul Global.

3.2 PRECARIEDADE LABORAL E CORPOS DESCARTÁVEIS

O desabamento do edifício Rana Plaza, em Bangladesh, em abril de 2013, matou 1.138 trabalhadores e se tornou o caso mais conhecido de morte em massa na cadeia global da moda (Clean Clothes Campaign, [2023?]). À luz de Mbembe (2018b), o episódio pode ser lido como expressão da racionalidade necropolítica, em que a exposição de trabalhadores ao risco de morte é tratada como variável de custo e de prazo.

A maior parte da força de trabalho do setor é feminina. Federici (2017) mostra que a acumulação capitalista se apoiou na desvalorização do trabalho das mulheres, apresentado como extensão de funções domésticas e, por isso, pior remunerado. Davis (2016) permite acrescentar que raça e classe agravam essa desvalorização na definição de quem ocupa os postos mais precários. Os salários de Bangladesh, abaixo do valor que os próprios trabalhadores consideram necessário para viver (What [...], 2023), sugerem que a pobreza no trabalho faz parte do cálculo do setor.

Enquanto isso, as marcas de ultra *fast fashion* cresceram rapidamente. A receita da Shein teria passado de cerca de US$ 10 bilhões em 2020 para cerca de US$ 16 bilhões em 2021 (Shein's [...], 2022). Sassen (2016) descreve a economia global como produtora de expulsões, que afastam pessoas e territórios do campo de visão do sistema, embora eles continuem a sustentá-lo. Com Mbembe (2018a), pode-se falar em um devir-negro do trabalho na moda, já que a descartabilidade forjada na escravidão colonial se estende às trabalhadoras do Sul Global.

3.3 *GREENWASHING* E A GEOGRAFIA DO DESCARTE

Sob pressão pública, a sustentabilidade entrou no vocabulário das grandes marcas. Dauvergne e Lister (2013) mostram, porém, que a adoção corporativa da sustentabilidade costuma funcionar como ferramenta de negócios: amplia o controle das marcas sobre as cadeias, melhora sua reputação e sustenta o crescimento das vendas, sem questionar o volume de produção e consumo que causa os danos.

Os dados disponíveis apoiam essa leitura. O relatório *Synthetics Anonymous* concluiu que 59% das alegações ambientais de marcas europeias e britânicas analisadas eram enganosas ou sem comprovação, proporção que chegava a 96% no caso da H&M. A linha *Conscious* da marca tinha 72% de fibras sintéticas, mais do que suas linhas convencionais (Changing Markets Foundation, 2021b). Em levantamento da Comissão Europeia com autoridades nacionais de defesa do consumidor, 42% das alegações ambientais examinadas foram consideradas possivelmente falsas ou enganosas (42 percent [...], 2021). Ao mesmo tempo, fibras sintéticas derivadas de combustíveis fósseis já estão presentes em cerca de 69% dos têxteis (Changing Markets Foundation, 2021a). Para Klein (2014), a crise climática não se resolve com ajustes de mercado, pois decorre de um modelo econômico baseado no crescimento contínuo.

O destino do excedente mostra a dimensão colonial do problema. As montanhas de roupas no Atacama e os fardos acumulados em Kantamanto (No deserto [...], 2021; At one [...], 2023) indicam que o Sul Global recebe a carga do trabalho e também a do descarte, situação que ativistas vêm chamando de colonialismo de resíduos (*waste colonialism*). É um exemplo concreto da violência lenta descrita por Nixon (2011).

Há também um extrativismo simbólico. Em 2021, a Secretaria de Cultura do México acusou Zara, Anthropologie e Patowl de reproduzirem, sem consulta nem retorno às comunidades, padrões têxteis de povos mixteco, mixe e zapoteco de Oaxaca (Zara [...], 2021). Grosfoguel (2016) chama de extrativismo epistêmico esse tipo de apropriação, em que saberes de povos colonizados são retirados de seu contexto e convertidos em mercadoria.

3.4 TRANSPARÊNCIA E REGULAÇÃO: ALCANCES E LIMITES

A transparência é condição para responsabilizar as marcas, mas continua rara. Como visto, 28% das grandes marcas publicam alguma política sobre salário digno, mas só 1% informa quantos trabalhadores de sua cadeia o recebem (Fashion Revolution, 2023). Ferramentas de rastreabilidade tendem a ter pouco efeito se não vierem acompanhadas de obrigações exigíveis.

A experiência posterior ao Rana Plaza reforça esse ponto. Ao contrário dos códigos de conduta voluntários, o *Accord on Fire and Building Safety in Bangladesh*, firmado em 2013 por mais de 200 empresas, foi um acordo vinculante entre marcas e sindicatos e supervisionou reformas em cerca de 1.600 fábricas. Em 2021, foi sucedido pelo *International Accord*, assinado por mais de 190 marcas (Clean Clothes Campaign, [2023?]).

No campo legislativo, a França aprovou a Lei n.º 2020-105, conhecida como Loi AGEC, que proíbe destruir produtos não alimentícios não vendidos, inclusive roupas, e exige que sejam reutilizados, doados ou reciclados (França, 2020). No Brasil, a plataforma Alinha conecta oficinas de costura a compradores e só dá visibilidade às oficinas que cumprem critérios de formalização, saúde, segurança e jornada (Plataforma [...], 2015).

O limite dessas iniciativas é a escala. Elas operam em ritmo artesanal, enquanto as plataformas de ultra *fast fashion* lançam novos modelos todos os dias, o que mantém a produção justa na condição de nicho.

3.5 A MODA COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA

Se a moda participa da reprodução da colonialidade, também pode servir como linguagem de resistência. A cooperativa Vida Nueva, fundada em 1996 por mulheres zapotecas em Teotitlán del Valle, Oaxaca, produz tapetes de lã com técnicas tradicionais e tingimento natural, como o da cochonilha, e cada peça pode levar cerca de três meses para ficar pronta (Sánchez, 2019). Esse tempo longo contraria a lógica da aceleração e se aproxima do que Fletcher (2014) descreve como *slow fashion*, entendido como uma relação diferente com os tempos de produção, com os saberes e com quem produz, e não só como a busca por peças mais duráveis.

Essas práticas, entretanto, correm o risco de ser absorvidas como novo nicho de mercado. Rivera Cusicanqui (2010) critica o multiculturalismo ornamental, que celebra a estética indígena e mantém intactas as relações de poder que subordinam esses povos. Por isso, a questão central não é incluir diversidade no sistema existente, e sim discutir quem decide, quem cria e quem fica com o valor produzido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou como a indústria da moda se apoia em continuidades históricas de exploração. Da formação do império do algodão descrita por Beckert à economia das expulsões analisada por Sassen, verificou-se que a desigualdade entre Norte e Sul é parte constitutiva da produção de moda, e não um efeito colateral.

A necropolítica permitiu compreender que esse funcionamento envolve decisões sobre quais vidas podem ser expostas ao risco, seja no desabamento de fábricas, nos salários abaixo da subsistência ou na transformação de territórios em depósitos de resíduos. A articulação com Quijano, Federici e

Davis mostrou que esses riscos se distribuem segundo hierarquias de raça e gênero herdadas da colonização. Já a análise do *greenwashing* indicou que o discurso da sustentabilidade, sem mudanças no volume de produção e na distribuição do valor, tende a legitimar o modelo que critica.

As alternativas examinadas, como acordos vinculantes, a Loi AGEC e iniciativas comunitárias, mostram caminhos possíveis, mas dependem de regulação exigível e de redistribuição efetiva de poder. Conclui-se que a descolonização da moda exige mudanças epistemológicas e redistributivas, além de ajustes técnicos. Como desdobramento, sugere-se investigar empiricamente as cadeias de vestuário brasileiras, em especial as oficinas de costura com mão de obra migrante. O futuro da moda talvez esteja menos nas passarelas de Paris do que nas margens que insistem em bordar outros mundos possíveis.

REFERÊNCIAS

42 PERCENT of companies exaggerate sustainability claims, says new report. **FashionUnited**, [*s. l.*], 2 fev. 2021. Disponível em: https://fashionunited.uk/news/fashion/42-percent-of-companies-exaggerate-sustainability-claims-says-new-report/2021020253349. Acesso em: 23 out. 2026.

AT ONE of the world's largest secondhand textile markets, discarded clothes are getting a new lease on life. **CNN**, Atlanta, 9 ago. 2023. Disponível em: https://abc17news.com/news/national-world/cnn-world/2023/08/09/at-one-of-the-worlds-largest-secondhand-textile-markets-discarded-clothes-are-getting-a-new-lease-on-life/. Acesso em: 23 out. 2026.

BECKERT, Sven. **Empire of cotton**: a global history. New York: Alfred A. Knopf, 2014.

CHANGING MARKETS FOUNDATION. **Fossil fashion**: the hidden reliance of fast fashion on fossil fuels. [*S. l.*]: Changing Markets Foundation, 2021a. Disponível em: https://changingmarkets.org. Acesso em: 23 out. 2026.

CHANGING MARKETS FOUNDATION. **Synthetics anonymous**: fashion brands' addiction to fossil fuels. [*S. l.*]: Changing Markets Foundation, 2021b. Disponível em: https://changingmarkets.org. Acesso em: 23 out. 2026.

CLEAN CLOTHES CAMPAIGN. **Deaths and injuries in the global garment industry**. Amsterdam: CCC, [2023?]. Disponível em: https://cleanclothes.org/campaigns/the-accord/deaths-and-injuries-in-the-global-garment-industry. Acesso em: 23 out. 2026.

DAUVERGNE, Peter; LISTER, Jane. **Eco-business**: a big-brand takeover of sustainability. Cambridge, MA: MIT Press, 2013.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. **A new textiles economy**: redesigning fashion's future. Cowes: Ellen MacArthur Foundation, 2017. Disponível em: https://ellenmacarthurfoundation.org/a-new-textiles-economy. Acesso em: 23 out. 2026.

FASHION REVOLUTION. **Fashion Transparency Index 2023**. [*S. l.*]: Fashion Revolution, 2023. Disponível em: https://www.fashionrevolution.org/fashion-transparency-index/. Acesso em: 23 out. 2026.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FLETCHER, Kate. **Sustainable fashion and textiles**: design journeys. 2. ed. London: Routledge, 2014.

FRANÇA. Loi n° 2020-105 du 10 février 2020 relative à la lutte contre le gaspillage et à l'économie circulaire. **Journal Officiel de la République Française**: Paris, 11 févr. 2020.

GROSFOGUEL, Ramón. Del "extractivismo económico" al "extractivismo epistémico" y "extractivismo ontológico": una forma destructiva de conocer, ser y estar en el mundo. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 24, p. 123-143, jan./jun. 2016. DOI: https://doi.org/10.25058/20112742.60.

KLEIN, Naomi. **This changes everything**: capitalism vs. the climate. New York: Simon & Schuster, 2014.

MARCA Zara está envolvida em denúncia de trabalho escravo. **Exame**, São Paulo, 18 ago. 2011. Disponível em: https://exame.com/negocios/marca-zara-esta-envolvida-em-denuncia-de-trabalho-escravo/. Acesso em: 23 out. 2026.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

NIXON, Rob. **Slow violence and the environmentalism of the poor**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2011.

NO DESERTO do Atacama, o cemitério tóxico da moda descartável. **Diario de Pernambuco**, Recife, 8 nov. 2021. Disponível em: https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/mundo/2021/11/no-deserto-do-atacama-o-cemiterio-toxico-da-moda-descartavel.html. Acesso em: 23 out. 2026.

PLATAFORMA aproxima oficinas de costura de compradores finais. **Catraca Livre**, São Paulo, 16 jan. 2015. Disponível em: https://catracalivre.com.br/quem-inova/plataforma-aproxima-oficinas-de-costura-de-compradores-finais/. Acesso em: 23 out. 2026.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RICHTER, Felix. Workers receive less than 1% of the price of a T-shirt. **Statista**, [*s. l.*], 22 maio 2025. Disponível em: https://www.statista.com/chart/34514/breakdown-of-the-retail-price-of-a-t-shirt. Acesso em: 23 out. 2026.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa**: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

SÁNCHEZ, Erica. Estas artesanas mexicanas empoderan a las mujeres para salir de la pobreza. **Global Citizen**, [*s. l.*], 2 set. 2019. Disponível em: https://www.globalcitizen.org/es/content/these-mexican-artisans-empower-women-to-lift-thems/. Acesso em: 23 out. 2026.

SASSEN, Saskia. **Expulsões**: brutalidade e complexidade na economia global. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

SHEIN'S sales tapered in 2021, potentially affecting its 100 billion dollar valuation. **FashionUnited**, [*s. l.*], 17 maio 2022. Disponível em: https://fashionunited.in/news/retail/shein-s-sales-tapered-in-2021-potentially-affecting-its-100-billion-dollar-valuation/2022051734710. Acesso em: 23 out. 2026.

WHAT the new minimum wage means for garment workers in Bangladesh. **FashionUnited**, [*s. l.*], 8 nov. 2023. Disponível em: https://fashionunited.uk/news/business/what-the-new-minimum-wage-means-for-garment-workers-in-bangladesh/2023110872442. Acesso em: 23 out. 2026.

WORLD TRADE ORGANIZATION. **World trade statistics 2023**: key insights and trends. Geneva: WTO, 2024.

ZARA, Anthropologie accused of cultural appropriation by Mexico. **Inside Retail**, [*s. l.*], 31 maio 2021. Disponível em: https://insideretail.co.nz/2021/05/31/zara-anthropologie-accused-of-cultural-appropriation-by-mexico/. Acesso em: 23 out. 2026.